

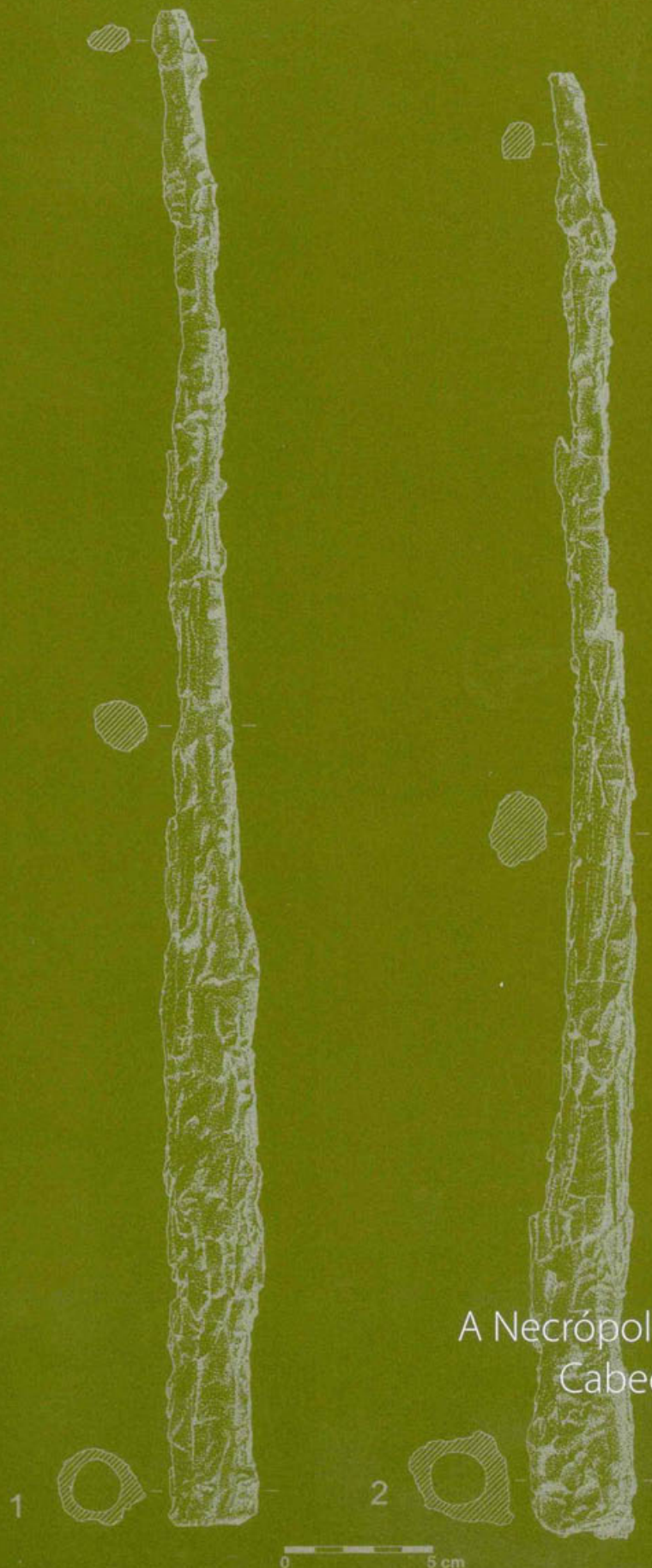
X E L B 6



Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve

(Silves, 20, 21 e 22 de Outubro de 2005)

Vol. I Comunicações e Conferências



.XVI

A Necrópole da I Idade do Ferro de
Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim)*

João Luís Cardoso**
Alexandra Gradim***

Resumo

Neste artigo serão analisados sucessivamente os seguintes aspectos: 1 - antecedentes dos trabalhos arqueológicos realizados, localização da necrópole e respectiva metodologia de intervenção; 2 - resultados obtidos: aspectos arquitectónicos e construtivos; o faseamento interno da construção da necrópole; 3 - inventário dos materiais arqueológicos recolhidos e respectivo estudo comparado; 4 - discussão: integração cronológico-cultural da necrópole; 5 - aspectos rituais; 6 - conclusões: a necrópole do Cabeço da Vaca 1 no quadro das arquitecturas funerárias da Idade do Ferro do sul do actual território português.

Abstract

In this study, the following aspects will be analysed: 1 - the former archaeological studies performed on the site, the location of the necropolis and the methodology used in the excavation; 2 - the results obtained, including the archaeological and architectonic aspects as well as the successive internal phases of the necropolis; 3 - the inventory of the archeological materials collected and their comparative study; 4 - the discussion, including the chronological and cultural fitting of the necropolis and the correlative ritual aspects; 5 - the conclusions, namely the necropolis of Cabeço da Vaca within the framework of the funerary architectures of the Early Iron Age of the south of the present portuguese territory.

* Este trabalho foi elaborado pelo primeiro signatário, com base nos resultados da escavação cuja orientação e realização foi partilhada com o segundo signatário.

** Professor Catedrático de Pré-História e Arqueologia da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

*** Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim.

1. Introdução

No âmbito do acompanhamento das acções de florestação de pinheiros mansos, em curso no ano de 1999 no concelho de Alcoutim, foi identificada por um de nós (A.G.) o que se presumia constituir uma cista megalítica (Gradim, 1999), denunciada pela existência de diversos monólitos fincados no terreno, num local que, por acordo com o proprietário, se manteve incólume (fig. 1), conservando-se ali a densa cobertura arbustiva que outrora cobria toda a crista da elevação. Contudo, a abertura recente de um caminho florestal, imediatamente adjacente ao monumento, tornava imperiosa a sua exploração, até para justificar, perante o proprietário, as medidas de protecção anteriormente indicadas e por este cumpridas.

Estava-se, deste modo, em condições de solicitar ao Instituto Português de Arqueologia autorização

para a realização de trabalhos arqueológicos ao abrigo da Categoria C, “acções preventivas a realizar no âmbito de trabalhos de minimização de impactos devidos a empreendimentos públicos ou privados, em meio rural, urbano ou subaquático”. Obtida a necessária autorização, comunicada oficialmente a 10 de Julho de 2003, os trabalhos foram programados para a primeira quinzena de Setembro de 2003, tendo sido de facto realizados entre os dias 1 e 13 daquele mês.

Os trabalhos foram dirigidos pelo signatário, na qualidade de arqueólogo responsável e contaram com a colaboração empenhada da Dr^a. Alexandra Gradim, arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim e responsável pela descoberta. A restante equipa foi constituída pelo Sr. Fernando Cristóvão Dias, técnico da referida autarquia da área da Arqueologia, e por três alunos da Licenciatura em História da Universidade Aberta, colaboradores do primeiro signatário em outros trabalhos arqueológicos, Esmeralda Gomes, Frederico Tátá Regala e Carlos Albino Duarte. Colaborou na fase inicial da escavação a Dr^a. Manuela Palma, responsável pelo Laboratório de Conservação e Restauro da Câmara Municipal de Alcoutim.

A Câmara Municipal de Alcoutim concedeu o in-



Fig. 1 - Vista de Norte para Sul dos trabalhos realizados em 2003, a partir da crista de relevos onde se implanta a estação arqueológica, no limite da zona florestada com pinheiros mansos, visíveis em segundo plano

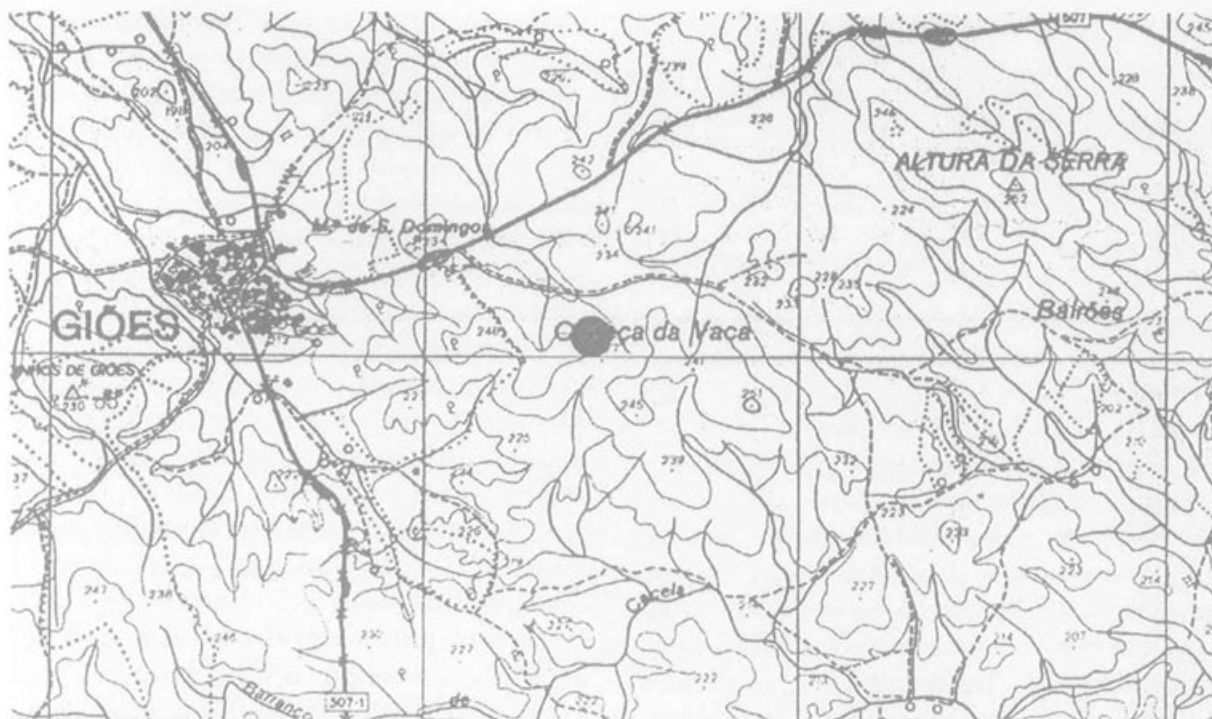


Fig. 2 - Localização da necrópole na Carta Militar de Portugal à escala da 1/25 000 (Folha 574, Lisboa, 1978, Serviços Cartográficos do Exército). Obs.: cada lado da quadrícula mede 1 km

dispensável apoio financeiro, sem o qual a realização dos trabalhos não seria possível. Os desenhos de campo são da autoria de Alexandra Gradim e de Fernando Dias, sendo a versão definitiva da autoria de Bernardo Ferreira, que também se encarregou do desenhos das peças arqueológicas que ilustram este artigo. Todas as fotos apresentadas são da autoria do signatário.

No decurso dos trabalhos, foi a escavação visitada pelo Dr. Pedro Barros, arqueólogo da extensão do IPA de Silves.

2. Localização e metodologia da intervenção

O sítio arqueológico implanta-se na parte mais alta de um extenso relevo alongado a cerca de 240 m de altitude, constituído por formações do Carbonífero marinho de fácies flysch (alternâncias de xistos azul-anegrados e de grauvaques acinzentados, que por alteração dão origem a colorações castanho-amareladas), com orientação Nor-Noroeste-Sul-Sueste, que se desenvolve a Este da povoação de Giões, a cuja fregue-

sia pertence. As suas coordenadas são as seguintes, de acordo com a Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, folha nº. 574 (fig. 2):

37° 28' 17" Latitude N;

7° 40' 56" longitude W.

Do local divisa-se uma vasta paisagem para sul, o mesmo sucedendo do lado oposto, a partir do topo da crista, a escassos metros de distância do local escavado.

A metodologia da escavação previa, como é usual, pós a limpeza prévia do terreno, a implantação de sistema de referência na área interessada pela escavação, com o registo tridimensional de todos os objectos encontrados e, por último, o registo gráfico da área interessada pelos trabalhos, incluindo as estruturas que se viessem a identificar, bem como os respectivos cortes e alçados. Ver-se-á que este propósito teve de ser adaptado à realidade evidenciada pela escavação, a qual era significativamente diferente daquela que, inicialmente, se previa, obrigando a ajustamentos na metodologia adoptada.



Fig. 3 - Aspecto da fase inicial da escavação, com a desmatção do terreno. Observe-se as três lajes de cobertura da Sepultura 1, os únicos elementos então visíveis, por entre a densa cobertura de estevas existente



Fig. 4 - Vista do núcleo mais antigo da necrópole, depois de escavado, evidenciando-se a Sepultura 1 (à direita) e a Sepultura 2, à esquerda da primeira, ambas com orientação NW-SE. Em segundo plano, à direita, observa-se pequena cista correspondente à Sepultura 4. Note-se, em torno da Sepultura 1, o lajeado de planta circular, particularmente bem conservado entre esta e a Sepultura 2



Fig. 5 - Vista de NW para SE da área escavada, observando-se, em primeiro plano, as Sepulturas 1 e 2 e, em segundo plano, a paisagem envolvente. Do lado esquerdo é visível a sanja aberta que permitiu delimitar o desenvolvimento da necrópole desse lado



Fig. 6 - Pormenor do lado sul do lajeado de contorno circular que delimita externamente a Sepultura 1, evidenciando-se em primeiro plano alguns elementos colocados de cutelo, que contornam a referida área, de carácter ritual



Fig. 7 - Vista parcial da área escavada, obtida de SE, correspondente ao núcleo mais antigo da necrópole, constituído pelas Sepulturas 1, 2 e 3. É também visível o lajeado envolvente da Sepultura 1 e, em primeiro plano, do lado esquerdo, a pequena cista correspondente à Sepultura 4, totalmente escavada no substrato geológico. Note-se o fraco recobrimento pedológico de toda a área escavada. Em primeiro plano, a sepultura 4, mais recente que as anteriores



Fig. 8 - A Sepultura 4 aquando da sua identificação, correspondendo a pequena cista constituída por esteios de xisto, totalmente escavada no substrato geológico. Note-se a compacidade do respectivo enchimento. Em segundo plano, observa-se o limite do lajeado circular envolvente da Sepultura 1, situada a Norte (ver fig. 6)

3. Trabalhos realizados

Antes da realização dos trabalhos, o terreno encontrava-se densamente coberto por giestas e estevas (fig. 3), permitindo apenas a observação, como se referiu, de três elementos colocados verticalmente, considerados por isso como ortóstatos de uma sepultura cistóide, semelhante à explorada anteriormente, também sob orientação do signatário, em elevação da mesma região, o cerro do Malhão, da freguesia de Martinlongo (Cardoso & Gradim, 2003), atribuível ao Neolítico Final ou ao Calcolítico.

Contudo, logo que a desmatação atingiu a superfície do terreno na área imediatamente adjacente aos supostos ortóstatos, se evidenciou uma caixa rectangular, cujo comprimento máximo não excedia 1,3 m (Sepultura 1). Estava-se, pois, perante uma cista cujas características a aproximavam de exemplares da Idade do Bronze ou da Idade do Ferro, mais do que de cista megalítica, como inicialmente se supunha. O alargamento da área escavada em seu torno permitiu, logo a seguir, a identificação de outra sepultura do mesmo tipo e com a mesma orientação (Sepultura 2), implantadas na parte mais alta de um micro-relevo existente na crista da elevação (figs. 4 e 5), encontrando-se a Sepultura 1 cercada de um lajeado de contorno circular, delimitado do lado melhor conservado por alinhamento de elementos de xisto colocados de cutelo, evidenciados pela escavação (fig. 6).

Deste modo, encontrava-se demonstrada a existência, no local, não de uma cista pré-histórica isolada, mas de uma necrópole de cistas, da Idade do Bronze ou da Idade do Ferro, cuja verdadeira extensão importava averiguar. Assim, os trabalhos foram orientados para uma escavação em extensão, interessando uma área muito superior à inicialmente prevista. Foram, assim sucessivamente identificadas as sepulturas nº. 3, 4 e 5 (fig. 7), cuja ordem, indicada na planta da área escavada (fig. 13), respeitou a sequência do descobrimento. Deve dizer-se que nenhuma destas sepulturas evidenciou de início qualquer indício de já ter sido violada; ao contrário: o interior de todas elas encontrava-se colmatado por um sedimento uniforme, muito fino, duro e compacto, tal como o que preenchia a Sepultura 4 (fig. 8).

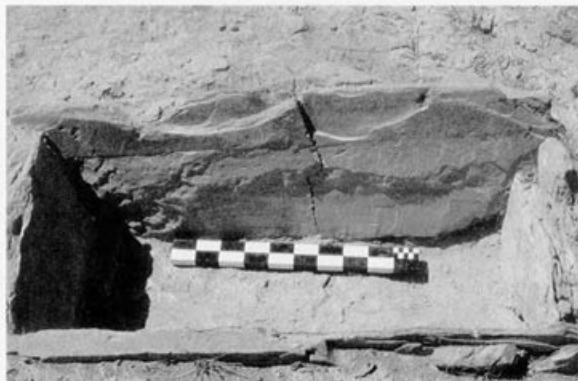


Fig. 9 - A Sepultura 4, depois de escavada. Note-se, no esteio do lado SW as marcas oblíquas realizadas por objecto metálico, de bronze ou de ferro, destinadas ao adelgaçamento da laje antes da sua colocação no terreno

Esta sepultura – cujo comprimento máximo é apenas de 0,80 m, indicando pertencer a criança – era a única constituída por esteios de xisto, cuidadosamente encaixados no covacho previamente aberto no substrato geológico, evidenciando um deles trabalho de desbaste da laje original, com o intuito de a adelgaçar, através de um formão de bronze ou de ferro, cujas marcas se conservaram (fig. 9).

A área de distribuição no terreno destas cinco sepulturas inscrevia-se em rectângulo com de 5 m de largura por 7 m de comprimento, mas nada garantia que, fora desses limites, não houvessem ainda outras sepulturas por identificar. Deste modo, foi com tal objectivo, que do lado poente, se abriu uma sanja com 1 m de largura por 5 m de comprimento, visível nas figs. 5 e 10, a qual evidenciou, a pequena profundidade, o substrato xisto-grauváquico. Do lado sul, a Sepultura 5, adjacente ao limite da escavação (figs. 10 e 11), determinou o alargamento para Sul da área investigada, escavando-se, a partir do referido limite, uma área com 4 m por 5 m, sem que se tenha identificado alguma outra ocorrência de interesse arqueológico; enfim, a observação, do lado oriental da escavação, próximo da referida sepultura, de duas lajes inclinadas, parcialmente postas a descoberto no corte, que poderiam corresponder elementos de tampa de outra sepultura (fig. 10), determinou que, desse lado se procedesse de forma idêntica; deste modo, foi aberta nova área com 4 m por 4,5 m, confirmando-se, de facto, a existência



Fig. 10 - Vista parcial da área escavada, de SE para NW. Em primeiro plano, junto do limite daquela, observa-se a Sepultura 5 ainda por escavar

de uma sexta sepultura, coberta pelas duas lajes referidas, ainda que ligeiramente deslocadas da sua posição original (fig. 12). Esta sepultura, contudo, diferia totalmente das quatro primeiras, por constituir um simples covacho, aberto no substrato rochoso e aproveitando em parte o sistema de diaclases ortogonais nele existente, aproximando-se da Sepultura 5.

No final, a área escavada, com as seis sepulturas identificadas, de marcada heterogeneidade tipológica, atingia a superfície de 78 metros quadrados, correspondente à planta apresentada na fig. 13. No concernente à sua integração cultural, o aparecimento de duas lanças de ferro na última sepultura a ser identificada e escavada (a Sepultura 6), ainda que deva corresponder à mais recente de todas, permite integrar a necrópole na Idade do Ferro, a par de outras evidências que, a seu tempo, serão apresentadas.



Fig. 11 - A Sepultura 5, ainda por escavar, observando-se em segundo plano a respectiva tampa e, em primeiro plano, um bloco alongado que a assinalava no terreno (ver Fig. 10)



Fig. 12 - A sepultura 6 antes de escavada, evidenciada pelo contorno do covacho aberto no substrato geológico e pelas duas lajes de cobertura, parcialmente deslocadas da sua posição original

4. Resultados obtidos

4.1. Aspectos arquitectónicos e construtivos das sepulturas: o faseamento interno da necrópole

As seis sepulturas que constituem a necrópole do Cabeço da Vaca 1 apresentam características diferentes, merecendo, por isso, ser descritas separadamente; os cortes mais significativos encontram-se assinalados na planta geral (fig. 13) e apresentam-se na fig. 14.

Importa desde já referir que a orientação da estratificação dos xistos e grauvaques, que constitui o substrato geológico local, aproximadamente NW-SE, condicionou a abertura da maioria das sepulturas: com efeito, sendo invariavelmente escavadas no substrato geológico, o respectivo alongamento respeitou em geral aquela direcção, com excepção de um caso, em que a área escavada, exibindo forte alteração do substrato geológico (Sepultura 3), não foi determinante na imposição daquela orientação. Uma outra, de contorno irregular (Sepultura 5), também não foi determinada pela referida orientação.

A **Sepultura 1** corresponde a uma caixa rectangular constituída por quatro esteios de grauvaque assentes no substrato geológico, orientada NW-SE. A respectiva cobertura era constituída por três lajes de xisto e grauvaque, originalmente colocadas transversalmen-

te. Tais lajes, em época indeterminada, foram colocadas ao alto, aquando da violação da sepultura. O fundo, a cerca de 0,40 m de profundidade, contado a partir do topo dos esteios laterais (ver fig. 14, Corte AB e Corte CD) encontra-se totalmente regularizado e aplanado.

Importa referir que o espaço envolvente desta sepultura se encontra lajeado, formando superfície de contorno sub-circular, melhor conservada na zona entre a esta sepultura e a Sepultura 2. Do lado oposto, é ainda visível a existência de alguns elementos colocados de cutelo, servindo como delimitadores periféricos daquele espaço, já antes mencionados (fig. 6).

A **Sepultura 2** possui planta, dimensões e orientação idênticas às da anterior. Integra, no entanto, dois esteios mais finos, de xisto, o da cabeceira, correspondente ao lado norte e o lateral à esquerda da cabeceira. Esta encontra-se, curiosamente, evidenciada por um apoio para a cabeça do inumado, constituído por uma laje de xisto, colocada transversalmente no fundo da sepultura, formando um ressalto com cerca de 7 cm de altura relativamente ao fundo daquela, correspondente, tal como a anterior, à regularização do substrato geológico (fig. 14, Corte EF). Não se trata de um reforço interno, como foi considerada uma laje disposta de forma análoga no topo sul e sobre o fundo da Sepultura 9 da necrópole do Bronze do Sudoeste de Alfarrobeira, Silves (Gomes, 1994, fig. 33).

A **Sepultura 3** situa-se na adjacência imediata da anterior. Porém, ao contrário daquela, trata-se apenas de um covacho aberto no substrato geológico, com orientação ortogonal às anteriores, aproximadamente NE-SW, encontrando-se o seu limite marcado com pequenas e delgadas lajes de xisto apenas nos dois topos; a sua profundidade (fig. 14, Corte G-H) e dimensões são, também, menores que as duas anteriores.

A **Sepultura 4** é uma pequena sepultura infantil, sendo a única constituída por uma caixa onde todos os esteios são de xisto, cuidadosamente ajustada à escavação previamente executada no substrato geológico (fig. 8). Com 1,0 m de comprimento máximo e a profundidade de 0,30 m, o fundo, tal como o das anteriores, corresponde à regularização do substrato geológico (fig. 14, Corte I-J). Relembre-se que o esteio lateral do lado poente conserva múltiplas marcas oblíquas de desbaste

por escopro de bronze ou de ferro, cujo gume teria cerca de 2 cm de largura (fig. 9).

A **Sepultura 5** localiza-se já em zona periférica do núcleo constituído pelas quatro anteriores. A sua tipologia é muito diferente das anteriores. Trata-se de um covacho irregular, de escassa profundidade, que não ultrapassa 0,30 m, de contorno sub-circular, aberto no substrato geológico, delimitado de um dos lados por bloco de xisto grauvacóide alongado (fig. 11). A conti-

nuação da escavação conduziu à identificação de uma tampa, também de xisto grauvacóide, com cerca de 0,80 m de comprimento máximo a qual, depois de removida, se verificou apoiar-se em rebordo do substrato geológico, cobrindo uma ténue depressão, nele existente. Existe, pois, a certeza de corresponder a uma sepultura intacta. Na periferia desta depressão, observaram-se diversos blocos irregulares, entre afloramentos mais resistentes do substrato geológico, igualmente postas à vista.

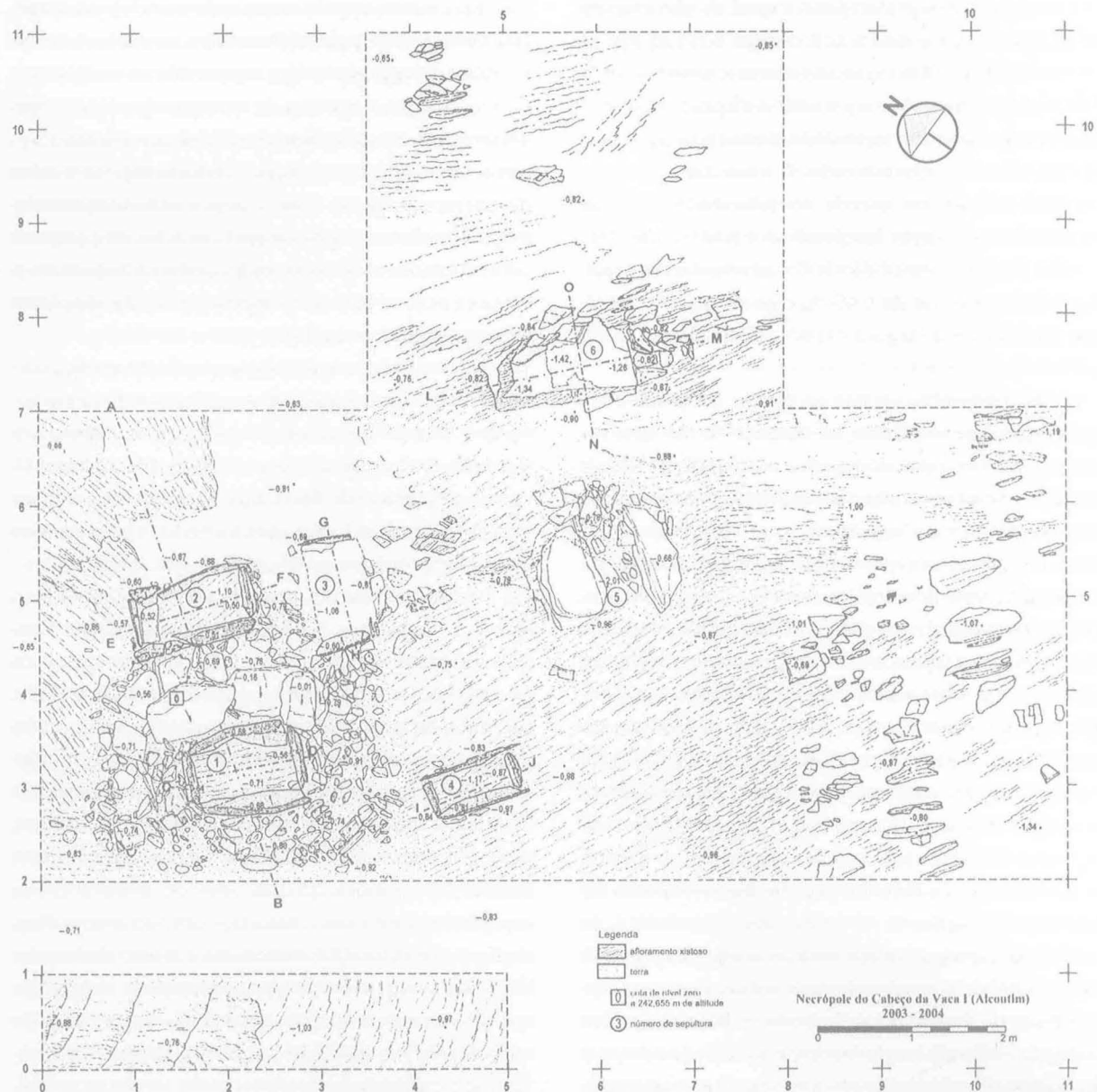


Fig. 13 - Planta geral da necrópole do Cabeço da Vaca 1, assinalando-se os cortes realizados em cada uma das estruturas tumulares

A **Sepultura 6**, a última a ser escavada, corresponde, tal como a anterior, a um covacho aberto no substrato geológico. A sua orientação NW-SE, é idêntica à observada nas Sepulturas 1, 2 e 4, é claramente condicionada pela orientação de duas famílias conjugadas de diaclases verticais, e pela própria direcção da estratificação, evidenciada pelos leitos de grauvaques alterados amarelados, muito fracturados e de fácil escavação. Esta sepultura encontrava-se também intacta, apresentando-se ainda parcialmente coberta por uma grande laje alongada, a qual, se não estivesse já ligeiramente deslocada da sua posição inicial, chegaria para a tapar completamente; uma segunda laje, mais pequena que a anterior e disposta transversalmente, cobria a extremidade Norte (fig. 12), sendo ambas de xisto grauvacóide. O covacho apresenta paredes e fundo de grande irregularidade, como se evidencia nos cortes longitudinal e transversal efectuados (fig.14, Cortes L-M e N-O), apresentando a profundidade máxima de 0.60 m, o comprimento máximo de 1,5 m e a largura máxima de pouco mais de 0,50 m.

No conjunto, verifica-se que a progressão da escavação, e a sequência da descoberta das sucessivas sepulturas, coincidiu quase em absoluto com o faseamento proposto para a construção da própria necrópole: assim, a Sepultura 1, que é também a mais evidente de todas e a única que se conhecia antes da escavação, terá sido a primeira a ser construída. Implantada na parte mais alta de um leve declive da crista da elevação, voltado para Sul, é a única sepultura que possui um lajeado circular envolvente, sacralizando assim o referido espaço. A segunda sepultura a ser construída, foi a Sepultura 2, implantada na adjacência da primeira, em contacto com a periferia do referido lajeado, mas não nele englobado; a proximidade cronológica é evidenciada até pelo facto de ser grande a semelhança arquitectónica entre elas. A terceira sepultura a implantar-se no terreno foi a Sepultura 4, de qualidade construtiva idêntica às anteriores, situada na periferia da considerada mais antiga, apenas a cerca de 1 m de distância; como se disse, trata-se de uma sepultura infantil, sendo evidente o cuidado com que foi construída. As restantes três sepulturas que inte-

gram a necrópole denotam uma marcada degradação no tocante à qualidade construtiva, por comparação com as anteriores, situando-se, por seu turno, progressivamente mais afastadas e dispersas do núcleo original. Assim, a Sepultura 3, que ainda faz parte integrante do núcleo mais antigo, já só possui esteios nos topos menores, de xisto, tal como se verifica na Sepultura 4, sendo os dois lados maiores definidos pela escavação realizada no substrato geológico, de contorno rectangular. A simplicidade é ainda maior nas duas únicas sepulturas que se mantiveram intactas da necrópole, que são também as mais afastadas do núcleo original. Ambas conservam as respectivas tampas, de grauvaque ou de xisto grauvacóide, tendo certamente passado despercebidas aos saqueadores por se apresentarem a cotas inferiores face ao núcleo da necrópole, muito mais visível e proeminente. Assim, a Sepultura 5 é um simples covacho, de contorno sub-circular, o mesmo se verificando na Sepultura 6, embora esta se apresente melhor definida, de planta sub-rectangular irregular.

A sequência descrita parece, deste modo, corresponder a um *continuum* na utilização da necrópole, que poderá ter-se prolongado, deste modo, por dezenas de anos, servindo a uma pequena comunidade rural da Idade do Ferro que habitaria nas imediações, conforme as indicações fornecidas pelo escasso espólio arqueológico recuperado.

Importa salientar que, fora as duas sepulturas intactas – Sepultura 5 e Sepultura 6 – das quatro sepulturas restantes, pelo menos duas atestam indícios de violações antigas: trata-se das Sepulturas 1, 2 e 4. Na primeira, tais indícios eram sugeridos pela própria posição das tampas que a cobriam, as quais foram levantadas mas não removidas do local, mantendo-se inclinadas sobre o espaço que inicialmente cobriam, indicando remoção cuidadosa, evitando qualquer destruição gratuita. O seu interior encontrava-se completamente preenchido por um sedimento fino, argiloso, de coloração amarelada e muito compacto, de mistura com blocos heterométricos de xisto grauvacóide de dimensões medianas. O mesmo tipo de enchimento foi observado nas Sepulturas 2 e 4. Desse modo, crê-se que o seu interior foi sendo progressi-

vamente preenchido com sedimentos finos oriundos das áreas circundantes, para ali transportados pelas águas das chuvas, o que explica a sua elevada compactidade, a par de blocos de maiores dimensões resultantes da fragmentação das tampas ou dos esteios laterais.

A falta de marcas de choques violentos nos esteios laterais das sepulturas, situação incompatível com o uso de picaretas e de pás, sugere que as caixas tumulares ainda se encontravam isentas de terras, aquando da violação, o que remete estas para uma época muito recuada, confirmada pela natureza dos respectivos enchimentos, de onde estão ausentes materiais modernos.

Em abono da grande antiguidade destas violações, deve referir-se que não há memória de qualquer exploração arqueológica aqui realizada, desde os tempos pioneiros de Estácio da Veiga, cuja passagem pelo concelho de Alcoutim em ~~1987~~ ¹⁹⁸⁷ foi objecto de estudo recente (Cardoso & Gradim, 2004).

A existência nestas sepulturas de violações antigas, remontando mesmo a épocas não muito distintas da sua construção e utilização foi, aliás, verificada em numerosas necrópoles da Idade do Ferro do Baixo Alentejo, como as de Fernão Vaz, Pêgo, Fonte Santa e Pardieiro (Correia, 1993, p. 354). Tais situações foram devidamente valorizadas por C. Beirão, admitindo que os sepulcros, à data de tais acções estivessem isentos de terras, ao contrário do actualmente ali observado (Beirão, 1986, p. 50).

No entanto, note-se que a ausência de espólio não resultará, necessariamente, na maioria das situações, de antigas ou modernas violações: tal como em outras necrópoles, tanto da Idade do Bronze como da Idade do Ferro, também a Sepultura 5, que se encontrava intacta, não forneceu qualquer espólio, o que se explica pela efectiva pobreza das gentes que habitavam, na idade do Ferro, estas paragens, só minorada pelo interesse mineiro de algumas ocorrências de cobre e de ferro então exploradas. Aliás, a existência de sepulturas intactas, mas desprovidas de espólio, foi uma realidade já identificada por Caetano Beirão, e depois sublinhada por outros (Jiménez Ávila, 2004) a qual agora se vê plenamente confirmada.

4.2. O espólio recuperado

Sepultura 1

Provêm das terras crivadas oriundas do interior desta sepultura as seguintes peças:

1 - uma pequena conta de cornalina zonada, com coloração laranja-avermelhada e translúcida, com passagens esbranquiçadas, em forma de bago de romã, com pequeníssima furação realizada a partir de ambos os lados, na extremidade mais apontada, transformando assim o objecto em minúsculo pingente (fig. 15, nº. 1; fig. 16, nº. 1). A extremidade mais larga, correspondente à base da peça, exhibe, logo acima do bordo, um sulco periférico que deverá corresponder a uma primeira tentativa de seccionamento do objecto.

2 - uma placa aproveitando seixo achatado de xisto, de grão muito fino, com marcas de fino desgaste em uma das faces, devido à sua utilização como afagador, ou brunidor de cerâmica (fig. 16, nº. 3);

Sepultura 2

O interior desta sepultura forneceu dois fragmentos cerâmicos minúsculos de recipientes distintos. O primeiro corresponde fragmento de vaso, com paredes bem alisadas de coloração anegrada e acastanhada, respectivamente nas superfícies interna e externa, correspondendo provavelmente a uma taça. Outro fragmento de recipiente mais grosseiro, de coloração avermelhada, pertence a exemplar indeterminado de maiores dimensões. A pequenez destes fragmentos evidencia bem o estado de profunda fracturação recipientes sofreram, depois de terem sido removidos do interior do sepulcro. Com efeito, apenas dois, das dezenas de fragmentos assim produzidos foram de novo remobilizados, pelas águas das chuvas, para o interior da sepultura.

Sepultura 3

Uma pequena lasca de chert, proveniente do interior da sepultura, com bolbo e plano de percussão conservado, fracturada na parte distal, oposta ao talão, pode corresponder a vestígios de uma antiga ocupação pré-histórica estabelecida no topo da crista de relevos onde a necrópole ulteriormente se implan-

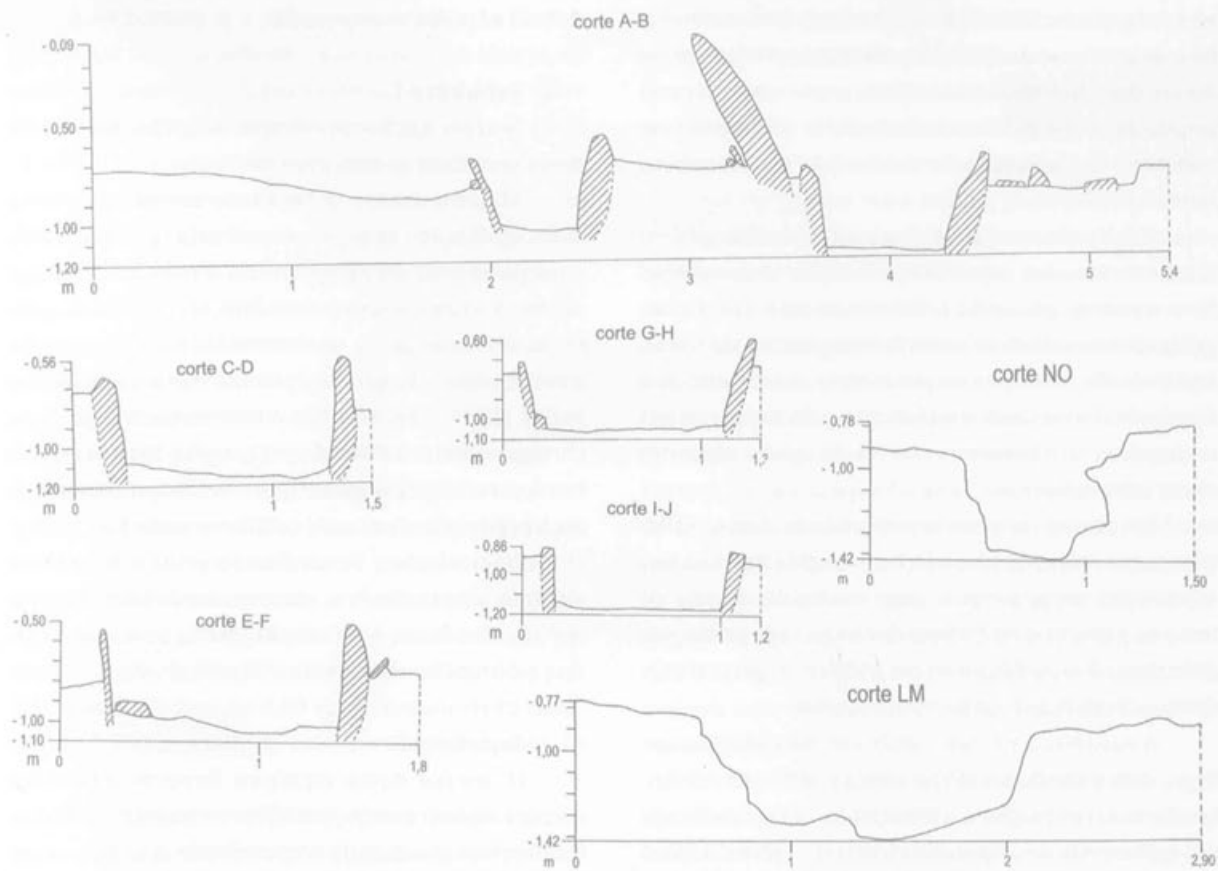


Fig. 14 - Cortes realizados nas estruturas tumulares (ver Fig. 13)

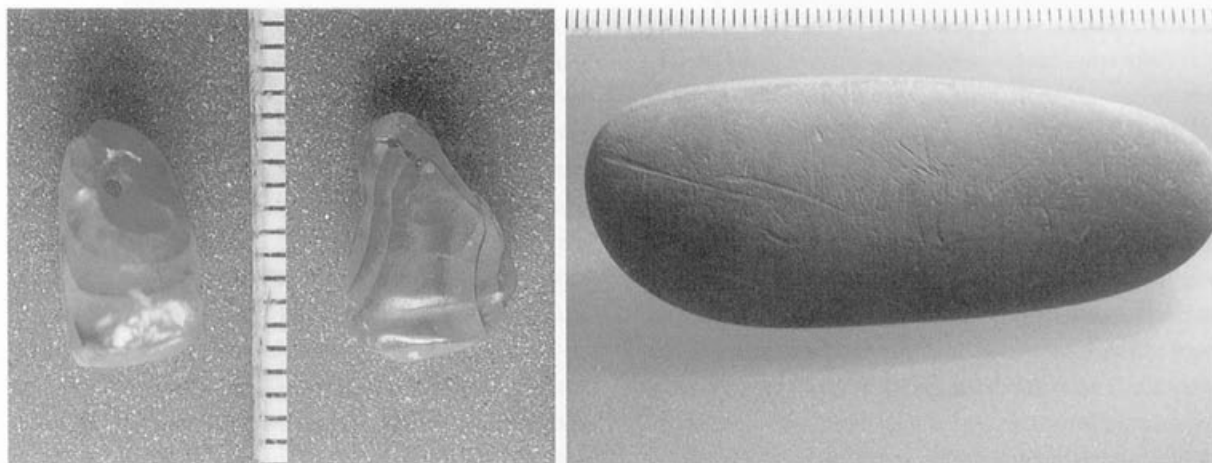


Fig. 15 - Espólios recuperados: 1 - pingente de cornalina zonada, recolhido na crivagem das terras oriundas do interior da Sepultura 1; 2 - pequeno seixo de xisto, recolhido à superfície, com marcas de utilização e um dos lados menores desgastado e aplanado, em resultado da sua utilização como brunidor

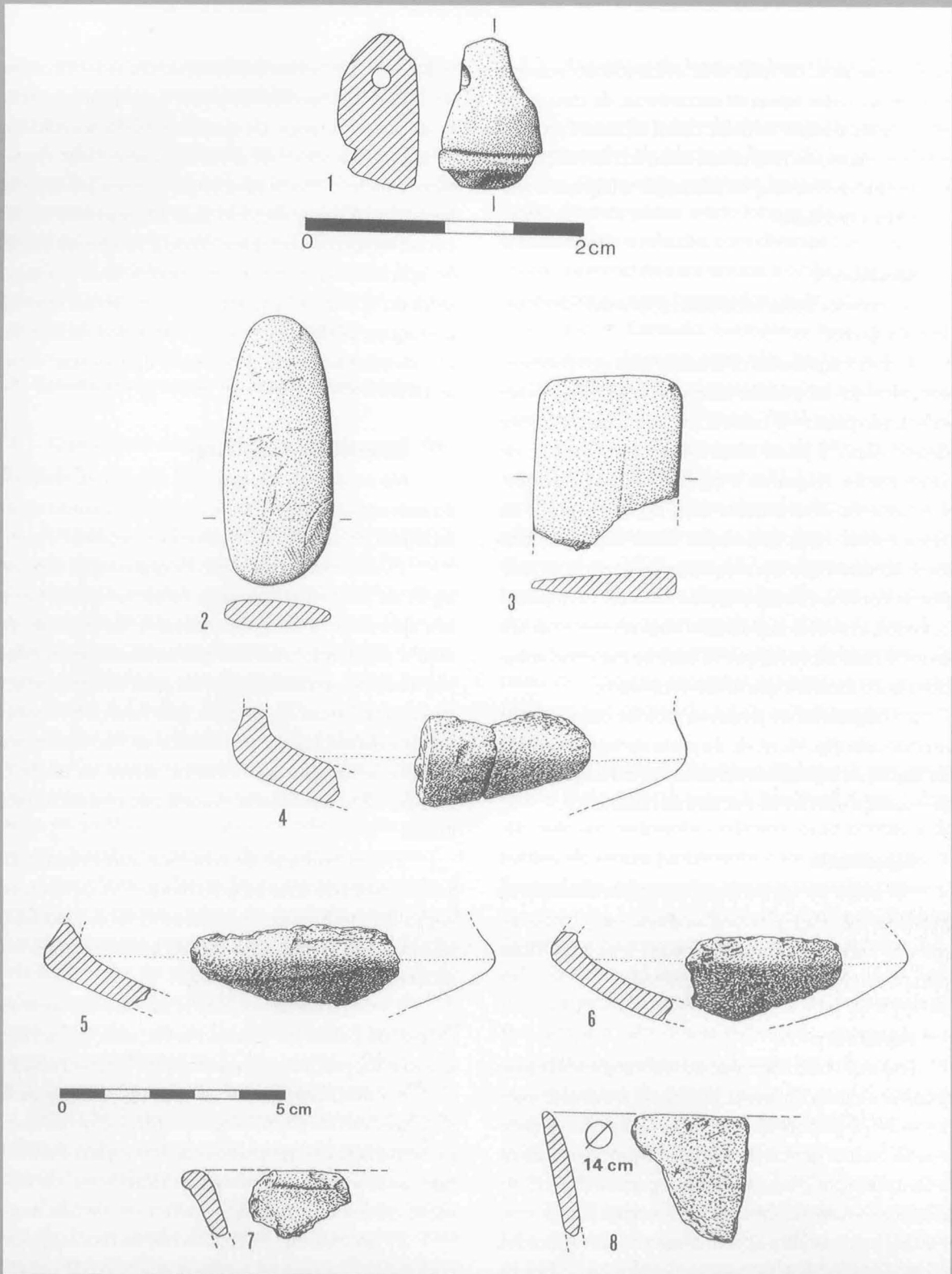


Fig. 16 - Espólios recuperados: 1 - pingente de cornalina, com furo de contorno sub-cilíndrico numa das extremidades e indícios de corte na extremidade oposta (Sepultura 1; ver Fig. 16, nº. 1); 2 - pequeno seixo achatado de xisto utilizado como brunidor (recolha de superfície; ver Fig. 16, nº. 2); 3 - seixo fracturado de xisto, com uma das faces desgastado, utilizado como alisador (Sepultura 1); 4 a 6 - fragmentos de pequenas taças de carena baixa, bem marcada, recolhidos na Sepultura 4 (nº. 4) e à superfície (nº. 5 e 6); 7 e 8 - fragmentos de vasos de fina espessura e acabamento, recolhidos à superfície

tuou. Trata-se, pois, de mais uma evidência do acarreo de materiais, pelas águas de escorrência, da zona adjacente a cada cavidade tumular. Desta sepultura provém ainda um minúsculo fragmento cerâmico de recipiente de forma indeterminada, de coloração anegrada e textura média a grosseira.

Sepultura 4

No exterior desta sepultura recolheram-se os seguintes objectos:

1 - três fragmentos cerâmicos, dois pertencentes eventualmente ao mesmo recipiente – um vaso grande de fundo plano – e outro a um pequeno recipiente indeterminado. A paste deste último é anegrada e de textura média, enquanto a dos dois outros exemplares é castanho-avermelhada com núcleo negro e de textura média. Pelas dimensões desta sepultura, não parece aceitável que um recipiente de dimensões assinaláveis, como o correspondente aos dois exemplares recolhidos, estivesse depositado originalmente no seu interior; é mais provável que se trate de materiais arrastados para o local em que foram recolhidos;

2 - fragmento de pequena taça de carena baixa, bem marcada (fig. 16, nº. 4), de pasta de textura média, com ambas as superfícies erodidas, de coloração castanho-escura, e interior de fractura da mesma cor.

Sepultura 5

Por baixo da tampa desta sepultura recolheu-se minúsculo fragmento cerâmico possuindo, como alguns dos anteriores, o núcleo negro e as superfícies interna e externa castanho-avermelhadas.

Sepultura 6

Esta sepultura continha, do lado poente e provavelmente ao lado da perna direita do inumado, duas pontas de lança, sobrepostas, orientadas para o mesmo lado, com as pontas (boleadas, em ambos os casos) em contacto com o topo distal da sepultura (fig. 17). As duas peças encontravam-se em péssimo estado de conservação, o que explica as assinaláveis faltas verificadas na asas da folha, que se desenvolveriam de ambos os lados da forte nervura central, de secção aparentemente circular, após o excelente trabalho de restauro efec-

tuado (fig. 18). Devido a esse facto, não se tem a certeza de um desses objectos não poder corresponder ao conto da primitiva lança. De qualquer modo, o assinalável comprimento actual de ambos os exemplares, respectivamente de 51,5 cm (que originalmente atingia, pelo menos, 52,0 cm) e 49,5 cm (que ultrapassaria os 50,0 cm no estado de uso), bem como a secção, de contorno aparentemente circular, inscrevem estas pontas de lança no tipo mais frequente do sul do actual território português, pertencentes a contextos dos séculos VI/V a.C., designadas por W. Schüle por “tipo Alcácer” (Schüle, 1969).

Exterior das sepulturas

No espaço envolvente das sepulturas interessado pela escavação recolheu-se ainda, aquando da decapagem da superfície do terreno, o seguinte espólio:

1 - um seixo incompleto de grauvaque, com vestígios de polimento nas duas faces, talvez devido ao seu aproveitamento como movente de moinho manual e possuindo uma das extremidades com intensos sinais de percussão. Trata-se, pois, de um artefacto de características domésticas que reforça a hipótese de ter existido, no mesmo espaço da necrópole, uma anterior ocupação pré-histórica, talvez da Idade do Bronze, denunciada pela maioria das cerâmicas recolhidas;

2 - um brunidor de cerâmica, aproveitando um seixo achado de xisto de grão muito fino, de contorno elipsoidal, desgastado em ambas as faces e ao longo de um bordo menor, aplanadado, utilizado como brunidor (fig. 15, nº. 2; fig. 16, nº. 2);

3 - três fragmentos de recipientes de tamanho médio, de pastas de textura média, com núcleo anegrado e superfícies externa e interna acastanhadas;

4 - dois fragmentos de vasos de pequenas dimensões, um de pasta de textura fina, outro de textura média, ambos com paredes de fina espessura e com bom acabamento em ambas as superfícies, de coloração castanho-anegrada, e interior de fractura negra;

5 - dois bordos de recipientes de fina espessura, com pastas de textura média a fina, um de paredes quase direitas, erodido à superfície, de coloração acastanhada e interior de fractura negra (fig. 16, nº. 8); o

outro, exteriormente espessado, de superfícies anegradas e brunidas, possui também o interior de fractura negro (fig. 16, nº. 7);

6 - dois fragmentos de taças de carena baixa e acentuada (fig. 16, nº. 5 e 6), de pequenas dimensões, com pastas de textura média a fina, com superfícies castanho anegra das e interior de fractura negro;

7 - um fragmento de cristal de quartzo leitoso, de superfície de fractura irregular, translúcido, aparentemente utilizado como núcleo de lamelas.

4.3. Estudo comparado do espólio exumado

4.3.1. O pingente em forma de bago de romã (fig. 15, nº. 1, fig. 16, nº. 1)

Trata-se de exemplar sem equivalente nas necrópoles de cistas da Idade do Bronze do sul de Portugal. Com efeito, o paralelo mais próximo registou-se na necrópole do Monte de A-do-Mealha-Nova, Ourique, encontrado na crivagem das terras superficiais da sondagem realizada na área da necrópole, assim desrita (Dias, Beirão & Coelho, 1970, p. 178): "Uma pedra de colar, de cornalina, talhada em forma de bago de romã com o orifício de suspensão de perfuração bicónica e cujo único paralelo que conhecemos se encontra na vitrine 46 do Museu de Sinças sem indicação de proveniência - o restante material desta vitrina é romano".

Com efeito, a descrição ajusta-se claramente à morfologia e matéria-prima do presente exemplar, o qual possui outro paralelo, ulteriormente publicado: trata-se também de pingente em cornalina, recolhido na Sepultura 1 da necrópole da Idade do Ferro de Pardieiro, Odemira, embora de maiores dimensões, pois atinge o comprimento de 37 mm (Beirão, 1990, p. 111, fig. 8). No entanto, a furação, de pequeníssimo diâmetro, apesar da dureza do material, realizada a partir de ambos os lados, corresponde à situação observada no exemplar em estudo.

Por último, deve ser mencionada que na necrópole de Fonte Santa (Ourique) se recolheram duas contas de cornalina, sendo uma delas oblonga, mas que nada faz supôr tratar-se de um pingente (Beirão, 1986, p. 71).

4.3.2 - As pontas de lança de ferro (figs. 17, 18)

É frequente o achado de pontas de lança de ferro em necrópoles da Idade do Ferro do Baixo Alentejo e Algarve. Como atrás se referiu, trata-se, na maioria dos casos, de exemplares muito longos, de nervura central bem marcada e robusta, com diversos tipos de secção, como os exemplares em estudo, e ombros também bem assinalados na base, baptizados por W. Schüle como "Alcácer-Lanzen". Contudo, exemplares bem conservados e completos são raros; entre eles, destacam-se as duas pontas de lança provenientes da sepultura 22 da necrópole de Alcácer do Sal (Paixão, 1983), cujos comprimentos actuais são, respectivamente, de 48,6 cm (originalmente pelo menos 49,5 cm) e 51,3 cm (originalmente pelo menos 53,0 cm). Estas elevadas dimensões têm paralelo na ponta exumada na cista dos Gregórios, Silves (Barros *et al.*, 2005), com 47,7 cm (originalmente pelo menos 48,5 cm). Estas dimensões são, pois, idênticas às dos exemplares da necrópole do Cabeço da Vaca 1.

O estudo comparativo que se desenvolveu, permitiu identificar as seguintes ocorrências de lanças de ferro em necrópoles do sul do actual território português:

- necrópole de Pardieiro (Odemira): em um pequeno nicho intacto anexo à Sepultura 6 recolheram-se, sob um recipiente cerâmico, duas pontas e dois contos de lanças juntamente com alguns ossos; não foram dadas informações sobre o tamanho das lanças, bem como a natureza (humana ou animal, dos ossos). Também a Sepultura 8 forneceu um conto de lança, achado nas terras revolvidas pelos saqueadores. Enfim, a Sepultura 10 forneceu três pontas de lança e dois contos, também sem outras indicações adicionais, ainda que se declare serem semelhantes a outras encontradas em necrópoles da mesma região escavadas pelo autor (Beirão, 1990, p. 116). O autor atribui globalmente à necrópole, que configura marcada coerência interna, cronologia recuada. Da Sepultura 3 provém um cossoiro, que "revela com toda a probabilidade, uma sepultura feminina" (*op. cit.*, p. 117). Seguindo o mesmo critério, as pontas e contos de lança revelariam sepulturas masculinas. Aliás, é interessante notar que os contextos de recolha deste tipo de objectos, bem como de facas de

ferro, não continham contas de pasta vítrea ou de âmbar, o que coloca a possibilidade destas últimas pertencerem a sepulturas femininas.

- necrópole de Chada (Ourique): esta necrópole repartia-se por dois sectores. Na Sepultura 1 do sector A recolheram-se dois fragmentos de lanças de ferro, muito alongadas, com nervura de secção sub-trapezoidal; da Sepultura 2 do mesmo sector provém uma lança dobrada em U invertido, bem como dois contos, conservando o alvado. Por seu turno, a Sepultura 1 do Sector B forneceu duas pontas de lança, ambas recurvadas, e um conto (Beirão, 1986, figs. 23, 24, 25, 27 e 28). Uma vez mais, apenas a Sepultura 2 do Sector B forneceu duas contas de pasta vítrea oculadas, não se misturando com as armas aludidas. Estas, apesar de mal conservadas, correspondem a exemplares muito longos e, quando as secções o permitem, de contorno sub-trapezoidal a sub-circular.

- necrópole de Fonte Santa (Ourique): a análise do espólio recolhido nas dezassete sepulturas exploradas (Beirão, 1986, p. 71, 73, 74) confirma a dicotomia, mutuamente exclusiva, entre armas e contas de colar: com efeito, apenas a Sepultura 1 continha três contas de vidro e armas, mas as primeiras, segundo o escavador, provêm da violação da Sepultura 4 (Beirão, 1986, p. 71). Esta sepultura continha duas pontas e dois contos de lanças ou javalinas, encostados à parede do recinto; mas a diferenciação não é apresentada pelo autor, que também não indica as dimensões dos exemplares. Na Sepultura 6, recolheram-se dois outros exemplares, encostados à parede sul do recinto, possuindo ambas as pontas orientadas para Oeste e, em posição oposta, dois contos, com a extremidade distal apontada a Leste, e distanciados cinquenta centímetros das primeiras. Esta particularidade levou Caetano Beirão a considerar que, originalmente, as extremidades estivessem em conexão, constituindo de facto duas javalinas. Esta conclusão é, aliás, apoiada pela realidade observada pelo próprio: não possuindo a sepultura mais de 80 cm de largura máxima e encontrando-se as peças de cada conjunto afastadas 50 cm, sobram 30 cm para o comprimento conjunto de cada uma das pontas e res-



Fig. 17 - Vista da Sepultura 6 depois de escavada, observando-se, no canto SW, as duas pontas de lança, de ferro, depositadas ritualmente, com as extremidades distais em contacto com o limite do covacho aberto no substrato geológico

pectivo conto, dimensões incompatíveis com o grande comprimento das pontas das verdadeiras lanças. Por último, na Sepultura 14 encontrou-se, sobre o fundo, uma ponta de lança com lâmina mais larga e curta que as restantes recolhidas na necrópole. Infelizmente, não se apresentam quaisquer desenhos dos exemplares mencionados.

- necrópole de Alcácer do Sal (Alcácer do Sal): a notável panóplia guerreira recolhida na necrópole de Alcácer do Sal desde o século XIX foi já objecto de inventário (Schüle, 1969), faltando, contudo, dar a conhecer de forma adequada outros espólios ulteriormente exumados por A. Cavaleiro Paixão. Na sua classificação tipológica, o autor alemão reproduz as lanças e contos conservados no Museu Nacional de Arqueologia (Tf. 102, 103 e 104). As primeiras, correspondem em geral a exemplares muito longos, munidos ou não de nervura central, a qual, quando existe, conferem aos exemplares secção variável: bicôncava, ou com crista central aguda ou boleada; as que possuem nervura de secção sub-retangular, sub-quadrangular, sub-triangular ou ainda sub-circular exibem, em geral, ombros mais salientes na base que as restantes; dois exemplares deste tipo, com nervura de secção sub-quadrangular a sub-trapezoidal, acompanhados dos respectivos contos, foram recolhidas no decurso das escavações dirigidas por A. Cavaleiro Paixão na sepultura 22/80 (Paixão, 1983, p. 282). Os exemplares surgiram aos pés da sepultura, e não exi-

bem quaisquer deformações intencionais (*op. cit.* fig. 5), atingindo os 50 cm de comprimento máximo.

- *tholos* do Monte do Outeiro (Aljustrel): a reutilização na Idade do Ferro deste monumento funerário calcolítico encontra-se corporizada, pelo menos, por duas extremidade de lanças de ferro, coladas uma à outra pela forte oxidação existente à superfície. Apresentam o comprimento de 14,5 cm e 13,6 cm, possuindo uma nervura longitudinal de secção sub-circular (Schubart, 1965, Est. II, f). O facto de se encontrarem fracturadas pode dever-se a uma intenção de as inutilizar aquando da deposição funerária que acompanhavam. A reutilização de sepulcros calcolíticos, no sul do actual território português, tanto na Idade do Bronze como na Idade do Ferro foi objecto de recente inventariação (Cardoso, 2005), conhecendo-se no território andaluz, muitas outras situações semelhantes (Lorrio & Montero-Ruiz, 2004).

- necrópole da Herdade do Pego (Ourique): o Monumento IV, o melhor e mais completo túmulo da necrópole, forneceu abundante espólio, verificando-se, ao contrário dos exemplos anteriores, a presença de uma lança de ferro e de uma conta de vidro. A lança, que jazia encostada à parte média da parede nascente do recinto tumular, possui o comprimento actual de 22,5 cm, tem nervura longitudinal de secção sub-retangular a sub-trapezoidal e ombros bem marcados, sendo assim idêntica a alguns dos exemplares de Alcácer do Sal. Partida na metade inferior da folha, o seu comprimento original seria próximo dos 50 cm; por não se terem evidenciado quaisquer testemunhos da parte em falta, e por ser igual na zona fracturada a oxidação observada na parte restante da peça, concluiu-se que "a fractura da lança é propositada, e evidentemente contemporânea da tumulação" (Dias, Beirão & Coelho, 1970, p. 189).

- necrópole do Monte de A-do-Mealha-Nova (Ourique): o Monumento III possui, tal como o anterior, planta rectangular; no seu interior recolheu-se um recipiente cerâmico e restos muito oxidados de uma lança, representada pela ponta e respectivo conto, cuja

posição dentro da sepultura era também idêntica à observada naquele. O comprimento actual da folha é de 22 cm e a sua secção inscreve-o no tipo representado pelas lanças de Alcácer (Dias, Beirão & Coelho, 1970, p. 202). Tal como a ponta de lança anterior, é provável que a fractura da folha observada neste exemplar, se deva a preceitos rituais.

- necrópole dos Gregórios (Silves): constituída por, pelo menos duas cistas escavadas nos xistos e grauvaques do Carbonífero, a intervenção realizada apenas incidiu sobre a que se encontrava em perigo de destruição, evidenciada à superfície do terreno pelos topos de três esteios de arenito de Silves; definiam uma caixa sub-rectangular, com uma dimensão interna de 1,10 por 0,60 m, a qual se encontraria orientada Este-Oeste (Barros *et al.*, 2005, p. 46). Contudo, a foto publicada da mesma (fig. 2), indica que a real orientação era a de NE-SW. No interior, foi identificado restos de um esqueleto depositado sobre o lado direito, em posição flectida, atribuível a mulher jovem, com base em algumas características anatómicas. Esta determinação está em aparente contradição com o achado de uma ponta de lança, acompanhada do respectivo conto, colocados lado a lado sob a cabeça do inumado, do lado SW, dispostos paralelamente ao esteio de cabeceira. O restante espólio integra 17 contas de pasta vítrea, ainda na posição original, constituindo um colar em torno do pescoço e um pote de cerâmica manual/torno lento, encontrado no meio dos fragmentos da laje de cobertura.

A tipologia da lança, que se encontra deformada em arco e afectada pela corrosão, integra-se no grupo das pontas de lança de Alcácer, extremamente longas, com nervura central e folha com ombros marcados na base (*op. cit.*, fig. 4). O comprimento actual é de 47,7 cm e o conto atinge 48,5 cm. A ocorrência de uma arma com estas características em uma sepultura feminina (a confirmar-se esta atribuição), aparentemente realçada pela presença do colar, merece ser aprofundada, no quadro dos preceitos funerários dos séculos VI/V a.C., de acordo com a cronologia atribuída a esta sepultura.

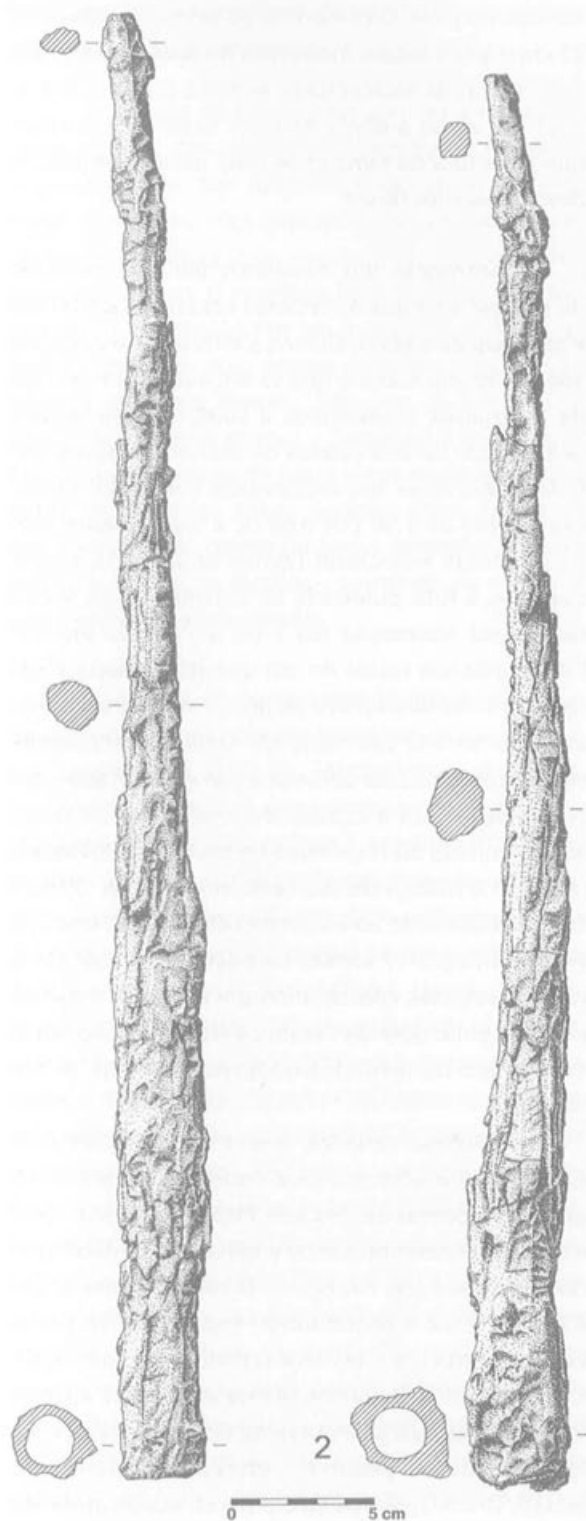


Fig. 18 - Pontas de lança, de ferro, recolhidas na Sepultura 6 (ver Fig. 17)

- necrópole de Fonte Velha de Bensafrim (Lagos) e outras necrópoles de cistas do Algarve: a necrópole de Fonte Velha é a mais emblemática necrópole de cistas da Idade do Ferro do sul do actual território português, tornada célebre por Estácio da Veiga, que a publicou (Veiga, 1891). A respectiva planta (*op. cit.*, Est. XXVII), complementada por outra existente no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, na Figueira da Foz e realizada aquando das escavações ali efectuadas pelo referido arqueólogo (Correia, 1997 a, fig. 4), indicam uma orientação geral das sepulturas NNW-ESW. Os espólios eram em geral pobres, avultando contas de colar de vidro e alguns adereços de bronze; nota-se a quase ausência de armas: Estácio da Veiga atribuiu a pontas de lança dois objectos de aspecto informe, por si reproduzidos (Veiga, 1891, Est. XXIX, nº. 17, 19), cada um deles recolhido em sua sepultura. A cronologia atribuída a esta necrópole não é anterior ao século VI a.C., correspondendo as lápides epigrafadas da Idade do Ferro ali encontradas a reaproveitamentos ocasionais.

São esporádicas e incompletas as referências a outras necrópoles algarvias desta época; é o caso da cista de Corte de Pére Jacques (Aljezur), onde se recolheu uma epígrafe, igualmente resultante de reaproveitamento, cujo espólio era constituído exclusivamente por contas de colar de vidro (Correia 1997 a, p. 268); da necrópole de cistas de Cômoros da Portela (Silves), escavada por Estácio da Veiga; e da cista de Alagoas (Loulé), com uma lápide epigrafada marcando a cabeceira.

- necrópole de Corte Margarida (Aljustrel): a intervenção de emergência realizada junto a talude da E.N.2, entre Aljustrel e Ervidel, permitiu evidenciar uma necrópole constituída pelo menos por duas cistas, formadas por caixas definidas por esteios de xisto, implantadas em substrato xistoso da mesma natureza (Deus & Correia, 2005). No conjunto, recolheu-se um notável espólio, com a presença de materiais orientalizantes, como um escaravelho com inscrição do faraó Pedubaste (817-763 a.C.), de provável produção de Naucrátis, atribuída ao século VI a. C. (Arruda, 2001, p. 247). Exemplar idêntico, de faiança verde-clara, montado em anel com moldura giratória provém da necrópole do monte de A-Mealha Nova, Ourique (Dias, Beirão & Coelho, 1970, p. 181, 182).

Apesar de não ter fornecido qualquer lança de ferro, nem por isso deixa de ser relevante a menção a Corte Margarida, na óptica do exercício comparativo que se tem vindo a desenvolver, dada a importância desta necrópole de cistas da Idade do Ferro para a discussão que adiante se apresentará. Com efeito, trata-se da ocorrência mais setentrional deste tipo de sepulturas até ao presente conhecido no território português, sem contar com as sepulturas cistóides de inumação já da Idade do Ferro, de Casalão, Sesimbra (Serrão, 1964).

4.3.3. Os recipientes cerâmicos

Os três recipientes recolhidos e que se apresentam tipologicamente definidos – dois obtidos na limpeza superficial do terreno (fig. 16, nº. 5, 6) e outro no interior da Sepultura 4 (fig. 16, nº. 4) – não se integram no quadro das produções cerâmicas usuais das necrópoles da Idade do Ferro do sul do actual território português. Pequenos recipientes como os exumados, possuindo carenas baixas e bem marcadas, e paredes de espessura média, diferem dos escassos exemplares carenados assinalados da Idade do Ferro que se conhecem, como os recolhidos na Sepultura II da Herdade do Pego (Dias, Beirão & Coelho, 1970, p. 204). Com efeito, os exemplares em causa são vasos de paredes finas, de carenas médias pouco marcadas ou de perfil suave, semelhantes aos exemplares do Bronze Final recolhidos na *tholos* do Malhanito, Alcoutim (Cardoso, 2005), associados à tumulação realizada nessa época na câmara do monumento. Recipientes idênticos foram encontrados recentemente em estratigrafia no Castro dos Ratinhos (Moura), nas camadas de uso, destruição e abandono da Fase 1, situada entre os séculos VII e VI a.C. (Silva & Berrocal-Rangel, 2005, figs. 7 e 9).

As formas carenadas identificadas em Cabeço da Vaca I são, ao contrário, características do Bronze do Sudoeste. Esta situação merece discussão, adiante apresentada.

Outros fragmentos integram-se no Bronze Final ou já na Idade do Ferro: é o caso de dois pequenos exemplares com paredes de fina espessura e bom acabamento superficial, um dos quais conservando cuidado brunimento, recolhidos à superfície, conservando ambos com parte do bordo (fig. 16, nº. 7 e 8).

5. Discussão

5.1. Integração cronológico-cultural da necrópole

O aparecimento de recipientes característicos do Bronze do Sudoeste na área ocupada pela necrópole de cistas do Cabeço da Vaca 1, tendo um desses recipientes sido recolhido no interior de uma delas (Sepultura 4), leva a admitir a hipótese de as sepulturas mais antigas da necrópole poderem ser ainda do Bronze do Sudoeste e não da Idade do Ferro pois, do ponto de vista estritamente arquitectónico, uma e outras não exibem caracteres diferenciadores. A ser assim, as Sepulturas 1 a 4 poderiam pertencer a essa fase mais antiga da necrópole, a que somaria, mais tarde a Sepultura 6 – e, eventualmente, a Sepultura 5, embora esta não possua espólio. Tal sucessão está, aliás, de acordo com a sequência construtiva interna proposta, face à distribuição espacial dos monumentos e constituiria um reforço para o reconhecido potencial simbólico detido pelos espaços sepulcrais pré-existentes, para as populações da Idade do Ferro, como se conclui pelas frequentes reutilizações de tais espaços nesta época (Correia, 1997 b, p. 67; Cardoso, 2005).

Contudo, existem argumentos que suportam alternativa a este modelo, talvez demasiado simplista. Com efeito, a recolha de um pingente de cornalina, oriunda do interior da Sepultura 1 (fig. 17, nº. 1), com a forma típica de bago de romã, idêntica à recolhida na necrópole de Monte de A-do-Mealha-Nova – forma desconhecida na Idade do Bronze do sul do actual território português – deve ser valorizada. Assim, em alternativa ao modelo anterior, poder-se-á admitir a existência de um pequeno sítio habitado do Bronze do Sudoeste, no mesmo local da crista da elevação onde, mais tarde, se implantou a necrópole da Idade do Ferro. A ter sido assim, os fragmentos de materiais cerâmicos recolhidos não teriam resultado de destruições do espólio existente no interior das sepulturas, ocorridas aquando do esvaziamento destas, com ulterior espalhamento pela área envolvente, mas sim de testemunhos da primitiva ocupação doméstica do sítio. Parece mais legítima esta perspectiva, atendendo, por um lado, à tipologia da conta recolhida na sepultura considerada justamen-

te a mais antiga da necrópole e, por outro, à sua mais evidente conexão com um espólio funerário, comparativamente à dos fragmentos cerâmicos exumados, que tanto são característicos de contextos domésticos como funerários. Acresce que não seria normal a deposição, na pequena sepultura infantil (Sepultura 4) de um grande recipiente, que, se nela coubesse, a ocuparia quase totalmente, sendo mais aceitável a hipótese de os fragmentos que ali jaziam tenham provindo do exterior, por acarreios das águas pluviais. Acresce que os dois polidores de cerâmica encontrados, um na limpeza da superfície do terreno (fig. 17, nº. 2), outro no interior da Sepultura 1 (fig. 17, nº. 3) são, também, peças características de contextos habitacionais, não se encontrando registadas ocorrências similares em contextos funerários. Por fim, a ocorrência de um pequeno cristal de quartzo com indícios de levantamentos de lamelas de um dos seus lados proveniente da limpeza do terreno, corrobora uma ocupação pré-histórica do local, juntando-se ao movente de mó manual, com indícios de utilização como percutor também recolhido à superfície e à lasca de chert com bolbo e talão de percussão proveniente do interior da Sepultura 3.

Em conclusão: existem argumentos favoráveis a admitir uma ocupação de carácter habitacional do sítio no decurso do Bronze do Sudoeste, explicada pela extraordinária visibilidade que dele se detém, tanto para Norte como para Sul, correspondendo-lhe uma pequena comunidade cujos sepulcros, organizados em necrópoles de importância variável, são frequentes na região. Basta referir a necrópole de Soalheironas, explorada sob orientação dos signatários, em 2005. Aliás, esta realidade é idêntica à observada em geral nas restantes áreas do Bronze do Sudoeste, onde a evidência das necrópoles contrasta com a "penumbra", característica dos correspondentes povoados, só por acaso localizados no terreno, como como a presente situação. Com efeito, na área do Bronze do Sudoeste, apenas se encontra explorado o povoado do Pessegueiro, na área de Sines, situado em zona anexa à necrópole do mesmo nome (Silva & Soares, 1981) contrastando com a abundância das necrópoles.

Face ao exposto, considera-se muito mais significativa para a fixação da idade do núcleo mais antigo da

necrópole, a presença do pingente de cornalina, oriundo da Sepultura 1, repita-se, a mais antiga da necrópole, que a ocorrência das referidas cerâmicas, no estado em que foram encontradas. Aliás, entre estas ocorrem dois fragmentos que, pela fina confecção e acabamento, são compatíveis com a Idade do Ferro, ambos recolhidos na área exterior das sepulturas seriam os únicos testemunhos dos espólios funerários, vindo a misturar-se depois de saqueadas as sepulturas onde jaziam, com os fragmentos mais antigos do Bronze do Sudoeste, pré-existent no local.

Do ponto de vista cronológico e de integração cultural, a construção desta necrópole deve ter mediado, como outras, com pontas de lança comparáveis, entre o século VI e o século V a.C., sem prejuízo de ter funcionado algumas dezenas de anos, como se deduz da diversidade das respectivas arquitecturas tumulares.

5.2. Aspectos rituais

As duas pontas de lança encontradas no interior da Sepultura 6 em posição ritual (ou, em alternativa a ponta e o conto de lança), são os elementos mais relevantes do espólio encontrado. Pelas ocorrências acima referidas, verifica-se ser frequente a deposição sepulcral de pares de pontas de lança, por vezes acompanhados dos respectivos contos, embora também ocorram exemplares isolados. A deposição de pares deste tipo de peças pode ter significado ritual, já sublinhado por Caetano Beirão, ao encontrar as duas javalinas atravessadas num dos topos da Sepultura 6 da necrópole de Fonte Santa, mencionando que, em cemitério ateniense, tal era uma prática frequente (Beirão, 1986, p. 73, nota 1).

Também a mutilação intencional de pontas de lança deve ser assim entendida. Tal mutilação poderia passar pela fractura das peças, com a deposição apenas de fragmentos, explicitamente indicada por alguns autores, a propósito do fragmento recuperado no Monumento IV da necrópole de Fonte Santa, Ourique (Dias, Beirão & Coelho, 1970, p. 189), correspondente a porção da metade superior da folha. É também dessa forma que se explica a presença dos dois fragmentos correspondentes à metade superior da folha, conservando

as pontas e colocados lado a lado, oriundos da *tholos* do Monte do Outeiro, Aljustrel (Schubart, 1965, Est. II, f). A mutilação poderia envolver apenas a deformação dos objectos, por dobramento, observada em diversos casos, como na ponta de lança de ferro da necrópole de Chada, Ourique (Beirão, 1986, fig. 24) ou na cista dos Gregórios, Silves (Barros *et al.*, 2005, fig. 4). Contudo, noutros casos não se observaram deformações de monta: na sepultura 22 da necrópole do Olival do Senhor do Mártires, Alcácer do Sal, as duas lanças recolhidas apresentam-se intactas, apenas com falta das extremidades, explicáveis por simples corrosão (Paixão, 1983, fig. 5), apesar da frequência das deformações observadas em inúmeras armas de ferro dali provenientes. Tal é também o caso dos dois exemplares em apreço: embora profundamente atacados pela corrosão, apresentam-se completos e não deformados.

6. Conclusões: a necrópole de Cabeço da Vaca 1 no quadro das arquitecturas funerárias da Idade do Ferro do sul do actual território português

Tem sido afirmada repetidamente, por diversos autores, a existência de diferenças arquitectónicas nítidas entre as necrópoles algarvias da Idade do Ferro e as que, a partir da encosta nordeste da serra do Caldeirão, se desenvolvem para norte, já no Baixo Alentejo (Correia, 1997 a, p. 272). Assim, as primeiras, constituídas por cistas simples, aparentemente desprovidas de *tumuli*, paradigmaticamente representadas pela necrópole de Fonte Velha (Loulé), contrastam, na sua simplicidade, com as necrópoles da Idade do Ferro do sul do Baixo Alentejo, cujo faseamento interno foi proposto por Caetano Beirão e ulteriormente sistematizado por Vergílio Hipólito Correia (Correia, 1993, p. 360). Tais necrópoles seriam caracterizadas por monumentos que se foram adossando sucessivamente uns aos outros, sendo os mais antigos os de planta circular, a que se sucedem outros, de planta rectangular, sem prejuízo de existirem monumentos isolados, constituídos por *tumuli* rectangulares, e, enfim, monumentos em π , que são os mais modernos da série. Um destes últimos monumentos foi escavado por Caetano Beirão, junto à povoação de Mestras, também no concelho e Alcoutim (Beirão, 1986,

fig. 7), indício da coexistência, no espaço, mas não no tempo, de soluções arquitectónicas funerárias distintas, ao longo da Idade do Ferro nesta região do Alto Algarve oriental, sendo naturalmente mais antigas as necrópoles de cistas, como a agora estudada.

A aparente dicotomia registada na arquitectura funerária da Idade do Ferro teria antecedentes directos na Idade do Bronze. Com efeito, enquanto as necrópoles algarvias se apresentam sob a forma de cistas, desprovidas aparentemente de *tumuli*, como é o caso das de Alcaria (Monchique), Pereiro (Monchique), Vinha do Casão (Loulé), Corte do Guadiana (Castro Marim) Cerro da Eira da Estrada (Castro Marim) e Cerro da Eira da Estrada (Castro Marim) (Gomes, 1994, fig. 64), já as cistas que integram as necrópoles baixo alentejanas se apresentam frequentemente integradas em recintos, que se vão complexificando à medida que se sucederam os enterramentos, assumindo o conjunto o aspecto de favo. Exemplo paradigmático desta organização funerária é fornecido pela necrópole de Atalaia (Ourique); em alternativa, as sepulturas, de tipo cistóide, integram-se em recintos de planta circular, como a necrópole de Panóias, Ourique, ou ainda em recintos de planta rectangular, adossados uns aos outros, como é o caso da necrópole de Provença, Sines.

Contudo, a organização interna observada na necrópole da Alfarrobeira, Silves, na qual foi possível a elaboração de proposta para o desenvolvimento arquitectónico nela observado (Gomes, 1994, fig. 50), idêntica à das necrópoles do litoral baixo alentejano da região de Sines (Silva & Soares, 1981), veio provar que, no Algarve, também existiam os dois tipos de situações: necrópoles de cistas simples, desprovidas aparentemente de *tumuli*; e necrópoles de cistas integradas em recintos, e providas de *tumuli*.

O panorama na Idade do Ferro é, também, mais complexo daquele que se julgava como adquirido há bem pouco tempo (Correia, 1997 a, p. 272) e tão taxativamente expresso pela frase “a diferença entre estas duas arquitecturas funerárias é evidente e parece estar no seguimento do mesmo fenómeno observado durante a Idade do Bronze” (Arruda, 2000, p. 102). Com efeito, a descoberta da necrópole de Corte Margarida, da qual infelizmente só se escavaram duas cistas, em pleno Bai-

xo Alentejo (Deus & Correia, 2005), veio mostrar que a referida dicotomia não é tão generalizada e evidente como se supunha. Aliás, a própria localização geográfica da necrópole de Cabeço da Vaca 1, dominando um vasto horizonte para norte, que penetra francamente na região baixo alentejana, faz pressupor outras ocorrências já neste último espaço geográfico, sem embargo de se implantar em zona de transição.

As mais antigas necrópoles da região de Ourique, constituídas por monumentos de planta circular, foram reportadas ao século VIII a.C. pleno, “pela necessidade de considerar esta arquitectura como absolutamente posterior à sua origem óbvia, as necrópoles Tipo Atalaia, de que a epónimo está datada pelo C14, numa fase avançada do seu desenvolvimento, de 1105-800 a.C. (...)” (Correia, 1997 b, p. 360, nota 3). Contudo, a validade deste raciocínio encontra-se prejudicada pela própria validade da data em que directamente se apoiou. Na verdade, como bem assinalou A. M. Arruda, sem colocar reservas explícitas à data mencionada, embora as similitudes arquitectónicas entre os dois grupos de monumentos funerários sejam evidentes, não permitem “afirmar, taxativamente, que estes últimos se seguem, de imediato, aos primeiros” (Arruda, 2001, p. 283). Registe-se, porém, que esta mesma autora, no ano imediatamente anterior, havia defendido hipótese contrária, ao declarar, a propósito das necrópoles algarvias e baixo alentejanas da Idade do Ferro que “A distinção entre as duas arquitecturas funerárias é evidente e parece estar no seguimento do mesmo fenómeno observado durante a Idade do Bronze” (Arruda, 2000, p. 102).

Mas a data obtida em Atalaia, não pode, na verdade, até por ter sido obtida sobre madeira carbonizada, material que, como é sabido, enferma de severas limitações, ser conectada a qualquer fase de construção da necrópole referida. Com efeito, H. Schubart publicou três datas, todas elas obtidas sobre amostras de madeira incarbonizada, mas apenas uma (KN - I.201) se aproxima da cronologia outrora atribuída ao final do Bronze II do Sudoeste, a qual, calibrada para anos de calendário deu o resultado de 1105-800 cal BC (Soares & Cabral, 1984, p. 194). As restantes datas correspondem a cronologia calcolítica, remontando ao III milénio a.C. (KN - I 200), ou já aos tempos históricos (KN - I 204) (Schubart,

1975, p. 170, 171). Conclui-se, deste modo, que houve uma selecção apriorística, optando-se por uma determinada data, supostamente adequada, de acordo com enquadramento cronológico que ao tempo se atribuiu ao Bronze do Sudoeste, fazendo corresponder o seu final aos finais do II milénio/inícios do I milénio a.C., realidade que o tempo veio desmentir (Schubart, 1975, Abb. 25). Com efeito, o final das necrópoles de cistas do Bronze do Sudoeste não ultrapassa, na melhor das hipóteses a data de 1100 anos a.C., coincidindo com a emergência do Bronze Final II (Torres Ruiz, 2002, p. 352) sendo as contas de pasta vítrea encontradas na sepultura 22 do monumento V compatíveis com tal cronologia: H. Schubart (1975, p. 100) admitiu para tais exemplares cronologia abarcando toda a segunda metade do II milénio a.C., o que é compatível com o achado de contas idênticas no povoado do Bronze Final do Passo Alto, Serpa (comunicação pessoal do Eng. A. M. Monge Soares, que se agradece).

Fica, deste modo, por preencher, uma lacuna de vários séculos, entre as últimas tumulações efectuadas na necrópole de Atalaia e as mais antigas tumulações sidéricas da mesma região, mesmo admitindo que estas se tenham de facto iniciado no século VIII a.C., conforme a proposta de C. Beirão e de V. H. Correia, actualmente contestada por vários autores, apontando cronologia muito mais recente, em torno ao século V a.C. (Jiménez Ávila, 2004, p. 107, 108). Nestas condições, não será possível continuar a aceitar a filiação directa das necrópoles da Idade do Ferro do Baixo Alentejo, naquelas que, na mesma região, se encontram documentadas na Idade do Bronze.

E, no que concerne mais directamente ao presente trabalho: será viável admitir a filiação directa das cistas algarvias e baixo-alentejanas das necrópoles da Idade do Ferro nas suas antecessoras do Bronze do Sudoeste? Também neste caso a resposta, no estado actual dos nossos conhecimentos, só pode ser negativa, dada a existência de lacuna, de vários séculos, que mediou entre as primeiras e as segundas, as mais antigas das quais não devem ser mais antigas que o início do século VI a.C., por muito aliciante que, à primeira vista possa parecer a hipótese contrária, admitida por A. M. Arruda (Arruda, 2000, p. 102).

Na região de Alcoutim, a necrópole de cistas do Cabeço da Vaca 1 poderia pertencer ao século VI a.C., enquanto que, logo no século seguinte, a tradição se teria perdido, como parece evidenciar-se pelo túmulo de Mestras, já anteriormente referido, construção tipicamente em π , pertencente já à tradição de incineração em urna, atribuída por Caetano Beirão e Virgílio Hipólito Correia ao século V a.C. Neste contexto, ganham renovado interesse as duas inscrições da I Idade do Ferro recolhidas no concelho de Alcoutim, uma delas aparentemente, associada ao referido túmulo (Beirão, 1986, nº. 35 e nº. 20, p. 48).

A interpretação, naturalmente complexa, da arquitectura funerária, suas modalidades e rituais associados na área em apreço encontra-se ainda dificultada pelas lacunas que, unanimemente, são reconhecidas e ainda persistirem, tendo ainda presente a existência, não de continuidades – sempre difíceis de comprovar – mas, mais plausivelmente, de situações recorrentes: é o caso da Sepultura 1 da necrópole em estudo, que se encontrava envolvida por uma estrutura pétreia, mas que não correspondia a cobertura tumular, como a identificada nas cistas do Bronze do Sudoeste, como a do Talho do Chaparrinho, Serpa (Soares, 1994) e da necrópole de Atalaia, Ourique. Na verdade, esta superfície lajeada tinha a função essencial de envolver a cista, criando um espaço sacralizado em todo o seu redor, cuja função é muito parecida à identificada na cista megalítica do Cerro do Malhão, Alcoutim, do Neolítico Final ou já do Calcolítico (Cardoso & Gradim, 2003). Assim a aparente excepção que constituía tal descoberta no monumento em apreço, encontra-se, agora, completada pela descoberta e uma sua homóloga, num monumento de época e integração cultural completamente distintas.

A terminar, é de referir que todos os materiais recolhidos já deram entrada no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcoutim. No que concerne à área escavada, nenhuma das estruturas corre risco de danos naturais, dado que se encontram invariavelmente encastradas ou mesmo escavadas no substrato geológico, pelo que se optou por manter o espaço por cobrir, até porque se pretende, a curto prazo, a sua integração em roteiro cultural em preparação pela Câmara Municipal de Alcoutim.

Agradecimentos

Ao senhores Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal de Alcoutim, Dr. Francisco Caimoto Amaral e Senhor Rui Manuel Ribeiro da Cruz, pelo interesse com que acompanham os trabalhos realizados, promovendo a concessão de subsídio sem o qual estes não seriam possíveis, bem como por terem providenciado a excelente recuperação, no Laboratório de Conservação e Restauro da Autarquia, das duas pontas de lança recolhidas, tarefa de que se encarregou a Dr^a. Manuela Palma.

Bibliografia

- ARRUDA, A. M.** (2000) - Práticas e rituais funerários no sul de Portugal durante a Proto-História. 3^o. *Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, Setembro de 1999). Actas. Porto: ADECAP, 5, p. 101-108.
- ARRUDA, A. M.** (2001) - A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4 (2), p. 207-291.
- BARROS, P. et al.** (2005) - A cista dos Gregórios (Silves). 2^o. *Encontro de Arqueologia do Algarve* (Silves, Outubro de 2003). Actas. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 41-52 (Xelb, 5).
- BEIRÃO, C. M.** (1986) - *Une civilisation protohistorique du sud du Portugal* (1^o Âge du Fer). Paris: De Boccard.
- BEIRÃO, C. M.** (1990) - Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 107-118.
- CARDOSO, J. L.** (2005) - Uma tumulação do final do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro no sul de Portugal: a *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim). M. C. Lopes & R. Vilaça, coord. *O Passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão*. Coimbra: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP), p. 193-223.
- CARDOSO, J. L. & Gradim, A.** (2003) - A cista megalítica do cerro do Malhão (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2), p. 167-179.
- CARDOSO, J. L. & Gradim, A.** (2004) - Estácio da Veiga e o reconhecimento arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série

IV, 22, p. 67-112.

CORREIA, V. H. (1993) - As necrópoles da Idade do Ferro do sul de Portugal: arquitectura e rituais. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33 (3/4), p. 351-375.

CORREIA, V. H. (1997 a) - As necrópoles algarvias da Idade do Ferro e a escrita do sudoeste. M. F. Barata, coord. *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR, p. 265-279.

CORREIA, V. H. (1997 b) - Um modelo historiográfico para a Idade do Ferro do sul de Portugal e a sua arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto 37 (3/4), p. 41-85.

DEUS, M. & Correia, J. (2005) - Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo. S. Celestino Pérez & J. Jiménez Ávila, eds., *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Merida: CSIC, Junta de Extremadura, p. 615-618 (Anejos AespA, 35).

DIAS, M. M. Alves; Beirão, C. M. & Coelho, L. (1970) - Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 4, p. 175-219.

GOMES, M. V. (1994) - *A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves*. Silves: Câmara Municipal de Silves (Xelb, 2).

GRADIM, A. (1999) - *Relatório das prospecções arqueológicas no âmbito dos projectos florestais*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.

JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2004) - La necrópolis de El Jardal (Herrera del Duque, Badajoz): elementos para una revisión cronológica de las necrópolis de la 1ª. Edad del Hierro del sur de Portugal. *II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (Faro, Novembro de 1996). Actas. Faro: Universidade do Algarve, p. 105-114 (Promontoria Monográfica, 01).

LORRIO, A. & Montero Ruiz, I. (2004) - Reutilización de sepulcros colectivos en el sureste de la Península Ibérica: la colección Siret. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 61 (1), p. 99-116.

PAIXÃO, A. Cavaleiro (1983) - Uma nova sepultura com escarvalho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 1, p. 273-286.

SCHUBART, H. (1965) - As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 75 (1/4), p. 195-203.

SCHUBART, H. (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Text. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen, Band 9).

SCHÜLE, W. (1969) - *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel. Karten und Tafeln*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen Band 3).

SERRÃO, E. da Cunha (1964) - *A necrópole proto-histórica do Casalão - Sesimbra*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.

SILVA, A. C. & Berrocal-Rangel, L. (2005) - O castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8 (2), p. 129-176.

SILVA, C. Tavares da & Soares, J. (1981) - *Pré-História da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

SOARES, A. M. Monge (1994) - O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa. *V Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, Maio de 1993). Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, p. 179-197.

SOARES, A. Monge & Cabral, J. M. Peixoto (1984) - Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 2, p. 167-214.

TORRES ORTIZ, M. (2002) - *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia (Bibliotheca Archaeologica Hispana, 14).

VEIGA, S. P. M. Estacio da (1891) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Vol. 4 Lisboa: Imprensa Nacional.